

A ÁRVORE
DOS ANJOS

Vespera de Natal, 1985

*Solar Marchmont,
Monmouthshire, País de Gales*



Conduzindo o carro pela pista estreita, David Marchmont olhou de relance para a mulher sentada no banco do carona. A neve caía intensamente, tornando ainda mais precária a estrada já coberta de gelo.

– Vamos chegar bem na hora, Greta. A estrada estará um caos amanhã. O lugar parece familiar para você? – perguntou David, hesitante.

Greta se virou para ele. Sua pele de marfim não exibia rugas, embora ela tivesse 58 anos. A idade não diminuía a vividez da cor de seus grandes olhos azuis, que, no entanto, já não brilhavam com a animação de antes.

– Sei que um dia morei aqui. Mas não consigo me lembrar, David. Desculpe.

– Não se preocupe. A propriedade está bem diferente, agora que foi restaurada.

Ele a consolou, sabendo quanto isso a afligia. Bem que ele gostaria de apagar da própria memória a visão macabra e devastadora da casa de sua infância depois do incêndio. Ainda conseguia se lembrar do cheiro pungente de madeira queimada.

– Sim, David, eu sei. Você comentou isso na semana passada, quando jantamos. Preparei costeletas de carneiro e tomamos uma garrafa de Sanerre – retrucou ela, em tom defensivo.

– Está certíssima – concordou David, sereno, ciente da necessidade de Greta de fornecer detalhes precisos dos acontecimentos, ainda que sua vida anterior ao acidente lhe fosse inacessível.

Enquanto passava com dificuldade pelos sulcos deixados por outras rodas no gelo da pista, ele se perguntou se teria sido uma boa ideia ter trazido Greta para passar o Natal ali. Ficou admirado quando ela aceitou o convite, depois de anos tentando persuadi-la a sair de seu apartamento em Mayfair.

Após três anos de reformas para devolver o solar a sua antiga glória, ele acreditara que era o momento certo. E, por alguma razão, ela também. Ao menos David sabia que a casa estaria aquecida e confortável, embora não imaginasse o que esperar em termos afetivos, dadas as circunstâncias.

– Já está anoitecendo – comentou Greta, em tom apático. – Mas ainda são três horas.

– É verdade. Espero que a luz perdure o bastante para podermos avistar Marchmont.

– Onde eu morei.

– Sim.

– Com Owen, meu marido, que era seu tio.

– Sim.

Greta havia gravado os detalhes do passado, como se fossem informações decoradas para uma prova. E David fora o professor, instruído pelos médicos que cuidavam de Greta a ficar longe de qualquer evento traumático, mas sempre mencionar nomes, datas e lugares que pudessem mexer com alguma coisa no subconsciente dela e fornecer a chave para a recuperação da memória perdida. Às vezes, quando ia visitá-la, David pensava identificar um lampejo de reconhecimento, mas não sabia ao certo se era por algo que tivesse dito ou por algo que ela realmente recordasse. Passados tantos anos, os médicos – que um dia haviam se mostrado seguros de que a memória de Greta voltaria – falavam em “amnésia seletiva”, provocada pelo trauma. Na opinião deles, Greta *não queria* se lembrar dos fatos.

Com cuidado, David conduziu o carro pela curva traiçoeira da estrada, sabendo que em poucos segundos avistaria os portões que levavam a Marchmont. Embora fosse o proprietário legal e tivesse gastado uma fortuna na reforma da mansão, era como se fosse apenas seu zelador. Agora que a restauração estava quase concluída, Ava, a neta de Greta, e seu marido, Simon, tinham se mudado da casa de hóspedes e passado a residir no solar Marchmont. Quando David morresse, a propriedade passaria legalmente para Ava. O momento não poderia ser mais oportuno, visto que o casal esperava a chegada de seu primeiro filho, prevista para dali a algumas semanas. *Uma vida nova e inocente talvez represente o fim de uma história familiar desastrosa*, pensou David.

O que complicava mais a situação eram os acontecimentos ocorridos *depois* de Greta perder a memória... episódios dos quais ele a havia prote-

gido, preocupado com o efeito que surtiriam nela. Se ela não conseguia se lembrar do começo de tudo, como poderia lidar com o fim?

No cômputo geral, isso significava que Ava, Simon e ele andavam na corda bamba durante as conversas com Greta, querendo avivar sua memória, mas constantemente apreensivos com o que se discutia na presença dela.

– Está vendo, Greta? – perguntou David, quando cruzou o portão e o solar Marchmont surgiu no horizonte.

De origem elisabetana, o solar se assentava, baixo e gracioso, na paisagem de encostas ondulantes que culminavam nos picos majestosos das Montanhas Negras, ao fundo. Mais abaixo, o rio Usk serpenteava pelo amplo vale e os campos de ambos os lados cintilavam com a neve recente. Os tijolos vermelhos das paredes centenárias se erguiam até os frontões triangulares da fachada, e as intrincadas vidraças das janelas refletiam os últimos raios do sol de inverno.

Embora a madeira antiga e seca tivesse alimentado as chamas vorazes do incêndio, a estrutura do solar sobrevivera graças ao enorme aguaceiro que desabara cerca de uma hora depois da primeira brasa ter se acendido.

A natureza salvou o solar Marchmont da destruição total.

– Ah, David, é muito mais bonito do que nas fotografias... – disse Greta.
– E com a neve e tudo o mais, parece um cenário de cartão de Natal.

De fato, ao estacionar o carro o mais perto possível da porta de entrada, David viu por uma janela as luzes da árvore de Natal. A imagem destoava do clima austero e sombrio da casa de sua infância, gravada de forma indelével em sua memória, e ele experimentou uma sensação de euforia. Talvez o incêndio tivesse *mesmo* queimado o passado, tanto metafórica quanto fisicamente. David só queria que a mãe ainda estivesse viva para testemunhar a notável restauração do solar.

– Está lindo mesmo – concordou ele, abrindo a porta e fazendo uma chuva de neve cair do teto do carro. – Vamos entrar. Depois eu volto para pegar as malas e os presentes.

Contornou o carro para abrir a porta do carona e Greta saiu com cuidado, afundando as botas na neve. Ao erguer os olhos para a casa e baixá-los para os pés cobertos, teve uma lembrança repentina.

Eu já estive aqui.

Imóvel e desesperada, ela tentou se agarrar ao fragmento de lembrança. Mas ele já se esvaíra.

– Vamos, Greta, você vai morrer congelada aqui fora – disse David, oferecendo-lhe o braço.

Juntos, os dois caminharam os poucos metros até a porta principal do solar Marchmont. Depois de serem recebidos por Mary, que trabalhava na mansão havia mais de quarenta anos, David levou Greta ao quarto dela, deixando-a lá para tirar um cochilo. Imaginou que a tensão de sair de casa pela primeira vez em anos, somada à longa viagem, devia tê-la esgotado.

Em seguida, foi até a cozinha à procura de Mary. Ela estava na ilha central, abrindo a massa das tortinhas de frutas secas. David observou o cômodo, admirando as bancadas reluzentes de granito e os aparelhos polidos embutidos nas paredes. Durante a fase de planejamento para a restauração de Marchmont, a cozinha e os banheiros tinham sido as únicas concessões de David aos projetos modernos. Todos os outros cômodos foram modelados a partir da planta original – uma tarefa hercúlea, que envolvera semanas de pesquisa e dias debruçado sobre fotografias de arquivo em bibliotecas, bem como revolver suas próprias lembranças de quando era criança. Exércitos de artesãos locais foram empregados para garantir que tudo, das lajotas do piso até a mobília, se aproximasse o máximo possível do antigo solar Marchmont.

– Olá, patrão. – Mary levantou os olhos e abriu um sorriso. – Jack telefonou há dez minutos dizendo que o trem estava atrasado por causa da neve. Eles devem chegar daqui a mais ou menos uma hora. Ele levou o Land Rover, então vão voltar sem problemas.

– Foi muita gentileza dele se oferecer para buscá-la. Sei quanto é atarefado. E então, o que está achando das novas instalações, Mary?

– São uma maravilha. Tudo muito novo e moderno – respondeu ela, com seu suave sotaque galês. – Nem acredito que seja a mesma casa. Anda tão quentinho aqui que nem preciso acender as lareiras.

– E o seu apartamento é confortável?

Huw, o marido de Mary, havia falecido alguns anos antes. Por isso, David pediu que incorporassem um conjunto de cômodos para Mary no sótão espaçoso. Depois do que tinha acontecido, ele se sentia mais seguro tendo alguém permanentemente no local, para o caso de Ava e Simon viajarem.

– Ah, sim, obrigada. Tem uma vista maravilhosa do vale. Como está Greta? Para ser sincera, fiquei admirada quando você me contou que ela viria no Natal. Nunca pensei que eu viveria para ver esse dia. O que ela achou?

– Ela não falou muito – respondeu David, sem saber direito se Mary se referia à reação de Greta às reformas ou ao seu retorno à mansão depois de tantos anos. – No momento, está descansando.

– Você deve ter notado que eu a levei para o antigo quarto dela, para ver se isso mexe com sua memória. Se bem que agora ele está tão diferente que nem eu o reconheci. Acha mesmo que ela não sabe quem eu sou? Passamos por muitas coisas juntas.

– Por favor, procure não se aborrecer por isso, Mary.

– Bem, talvez seja melhor ela não se lembrar de certos detalhes – retrucou Mary, em tom amargo.

– É – concordou David, com um suspiro. – Tenho certeza de que este será um Natal bem estranho.

– Pode apostar. Eu continuo procurando a sua mãe pela casa. – Mary conteve o choro. – É claro que é pior para você, patrão.

– Bem, vai demorar um pouco para todos nós nos acostumarmos. Mas, pelo menos, temos a Ava e o Simon com o bebê a caminho para nos ajudar a atravessar esta fase. – David envolveu os ombros de Mary com um braço, consolando-a. – Agora, posso experimentar uma das suas deliciosas tortinhas de frutas?



Vinte minutos depois, Ava e Simon chegaram e se juntaram a David na sala de estar, que recendia a tinta fresca e à fumaça da enorme lareira de pedra.

– Ava, você está com uma aparência maravilhosa, esbanjando saúde – comentou David, dando-lhe um abraço e trocando um aperto de mão com Simon.

– Bom, eu virei um balão neste último mês. Vou parir um jogador de rúgbi, tenho certeza disso – retrucou Ava, com um olhar afetuosamente para Simon.

– Querem que eu peça a Mary para nos trazer um bule de chá? – perguntou David.

– Eu pedirei – respondeu Simon. – Ava, querida, fique sentada, converse com seu tio e ponha os pés para cima. – Ele se virou para David e explicou: – Ela foi chamada no meio da noite para cuidar de uma vaca em trabalho de parto.

David deu de ombros, aflito, e saiu da sala.

– Só espero que haja alguém para cuidar de *mim* quando eu estiver em trabalho de parto – retrucou Ava, com um risinho, e afundou numa das poltronas recém-estofadas. – Simon vive me chateando para eu diminuir o ritmo, mas sou veterinária. Não posso deixar meus pacientes morrerem, posso? Quer dizer, a parteira não me deixaria morrer, não é?

– Não, Ava, mas você vai ter um bebê daqui a seis semanas, e o Simon fica com medo de você se esforçar demais, só isso.

– Quando meu substituto chegar à clínica, depois do Natal, as coisas ficarão muito mais fáceis. Porém, até lá, não posso prometer que não serei chamada para aquecer ovelhas sofrendo de hipotermia. Os lavradores fizeram um bom trabalho ao trazê-las das colinas antes que o mau tempo se instalasse, mas há sempre uma ou outra que é deixada para trás. Enfim, tio David, como você está?

Ava sempre o chamara de “tio”, embora, na verdade, fossem primos de segundo grau.

– Vou muito bem, obrigado. Gravei meu programa de Natal em outubro e, de lá para cá, bem... – David enrubesceu. – Estou escrevendo minha biografia.

– É mesmo? Será uma leitura interessante.

– Minha vida certamente é, mas é aí que está o problema. Há algumas partes que não posso contar.

– Não... – A expressão de Ava se tornou séria. – Sendo bem franca, fico surpresa por você ter concordado em escrevê-la. Quer dizer, você sempre manteve sua vida privada totalmente fora dos holofotes.

– É, mas infelizmente um desses jornalistas da imprensa marrom resolveu que vai escrever a versão não autorizada, de modo que achei melhor esclarecer os fatos primeiro. Tanto quanto me é possível nessas circunstâncias.

– Entendi. Nesse caso, faz sentido que queira escrevê-la. – Ava suspirou. – Nossa! Ter uma estrela de cinema como mãe e um comediante famoso como primo me fez execrar a ideia de celebridade. Você não vai mencionar nada sobre... o que aconteceu comigo, vai, tio David? Eu morreria se você fizesse isso. Especialmente depois da última vez, quando me colocaram na primeira página do *Daily Mail* com Cheska.

– É claro que não, Ava. Estou fazendo o máximo para deixar a família fora disso. O problema é que, assim, não sobra muita coisa para contar. Não

houve drogas, colapsos nervosos, problemas com a bebida nem libertinagens na minha vida, logo seria uma leitura muito enfadonha. – David suspirou e deu um sorriso irônico. – Por falar em mulheres, Tor deve chegar daqui a pouco.

– Fico contente por ela vir, tio David. Gosto muito dela. E, quanto mais numerosos formos neste Natal, melhor.

– Bem, finalmente conseguimos fazer sua avó se juntar a nós.

– Onde está ela?

– Lá em cima, descansando.

– E como ela está?

– Na mesma. Mas fico muito orgulhoso por ela ter sido corajosa para vir aqui. – Os faróis de um carro piscaram do lado de fora e David acrescentou:

– Deve ser Tor. Vou ajudá-la com a bagagem.

Depois que David saiu da sala, Ava passou a refletir sobre o relacionamento duradouro e leal que ele mantinha com Greta. Ava sabia que os dois se conheciam fazia séculos, mas se perguntava o que havia nela, exatamente, que tanto o atraía. A tia-avó de Ava, LJ, mãe de David, falecera havia poucos meses e dissera que seu filho sempre havia amado Greta. Supreendentemente, Greta ainda parecia muito jovem, quase como se sua perda de memória tivesse apagado os sinais físicos de 58 anos de vida, que normalmente se manifestavam no rosto como um mapa afetivo.

Ava detestava admitir, mas achava a avó muito vazia e infantil. Nas poucas ocasiões em que estivera com Greta, tivera a sensação de conversar com um ovo de Fabergé perfeitamente elaborado, mas oco. Por outro lado, talvez qualquer profundidade e personalidade que um dia ela houvesse possuído tivessem sido apagadas pelo acidente. Greta vivia como uma reclusa, raras vezes se aventurando a sair de seu apartamento. Pelo que Ava sabia, essa era a primeira vez que Greta se ausentava de casa por mais de algumas horas.

Tinha consciência de que não devia julgar a avó, visto que não a conhecia antes do acidente. Ao mesmo tempo, admitia que sempre a havia comparado com LJ, cujo espírito indomável e gosto pela vida faziam Greta parecer, mesmo depois de tudo que lhe acontecera, fraca e insossa. *E agora*, pensou Ava, *Greta está aqui para o Natal, e LJ não.*

Engoliu em seco, ciente de que a tia-avó não iria gostar de vê-la triste.

“É preciso fazer força e dar o melhor de si”, sempre dizia ela quando acontecia uma tragédia. Ava não podia deixar de desejar de todo o cora-

ção que LJ tivesse ficado entre eles um pouquinho mais, para poder ver o nascimento do bebê. Pelo menos vivera para assistir a seu casamento com Simon, e tinha morrido sabendo que Marchmont e Ava estavam seguros.

David voltou para a sala com Tor.

– Olá, Ava. Feliz Natal e tudo o mais. Nossa, estou com frio. Que viagem!
– contou Tor, caminhando para a lareira crepitante e aquecendo as mãos.

– Chegou bem na hora. Jack me contou que cancelaram todos os outros trens de Abergavenny esta noite – informou David.

– É, devo admitir que não gostei da ideia de passar o Natal numa pensão em Newport – declarou Tor, em tom seco. – E a casa está maravilhosa, Ava. Você e Simon devem estar encantados.

– Estamos – confirmou Ava. – É linda, e estamos muito agradecidos a você, tio David. Nunca teríamos recursos para fazer a reforma.

– Bem, como você sabe, um dia ela passará para você, de qualquer jeito. Ah, Simon – disse David, levantando os olhos quando o rapaz entrou. – Um lindo bule de chá. É justamente do que precisávamos!



Greta acordou do cochilo, desorientada e incapaz de lembrar onde estava. Entrando em pânico, bateu em busca de um interruptor em meio à escuridão e acendeu a luz. O cheiro forte de tinta fresca mexeu com sua memória conforme ela se levantava e admirava o quarto recém-decorado.

O solar Marchmont. A casa de que tanto ouvira David falar, por anos e anos. Mary, a empregada, havia explicado que esse fora o seu quarto um dia e que tinha sido nele que sua filha, Cheska, viera ao mundo.

Greta foi até a janela. A neve continuava a cair. Ela tentou entrar em contato com a lembrança fugaz que fora atçada quando chegara à propriedade, e suspirou de desespero quando a mente teimosa se recusou a revelar seus segredos.

Depois de se refrescar no elegante banheiro no interior da suíte, ela vestiu uma blusa nova de seda. Acrescentando uma camada de batom aos lábios, fitou-se no espelho, temerosa de deixar o refúgio de seu quarto.

Precisou usar toda a sua força de vontade para tomar a decisão de se encontrar com a família no Natal. Tanto que, depois de aceitar o convite e de ver a expressão atônita de David, Greta sofrera alguns ataques de pânico,

que a tinham deixado insone, suando frio e trêmula até altas horas da madrugada. Seu médico chegou a lhe receitar betabloqueadores e sedativos. Com a ajuda dos remédios, além do desejo de não querer passar mais um Natal desolador sozinha, Greta conseguiu fazer as malas, entrar no carro de David e chegar ali.

Talvez os médicos discordassem de sua motivação; em seu jargão pseudopsicológico de praxe, diriam que talvez ela estivesse finalmente pronta, que enfim seu subconsciente a julgasse forte o bastante para enfrentar o regresso. E, com certeza, desde o momento em que tomara a decisão, ela vinha tendo sonhos vívidos pela primeira vez desde o acidente. Nenhum deles fazia sentido, é claro, mas o choque de ter o que os médicos denominariam de flashback, ao descer do carro e olhar para o solar Marchmont, poucas horas antes, dava certa credibilidade à análise deles.

Greta sabia que ainda havia muito a enfrentar. O “convívio social”, para começo de conversa. Entre os que se reuniriam ali para a temporada festiva, havia uma pessoa com quem ela temia particularmente conviver: Tor, a namorada de David.

Apesar de tê-la encontrado ocasionalmente, quando David levava a companheira para um chá no apartamento de Greta em Mayfair, ela nunca havia passado mais de algumas horas com a tal mulher. Embora Tor tivesse sido afável e cortês, parecendo se interessar pelo que a anfitriã tinha a dizer, Greta se sentira tratada com condescendência, como se fosse algum tipo de velhota senil e deficiente mental.

Fitou-se outra vez no espelho. Podia ser muitas coisas, mas certamente não era isso.

Tor era professora da Universidade de Oxford. Intelectual, independente, atraente dependendo de como se olhassem, pensava Greta, que depois se repreendia por zombar de uma rival.

Dito em termos simples: Tor era tudo o que Greta não era, mas fazia David feliz, e Greta sabia que deveria ficar feliz por ele.

Pelo menos David dissera que Ava estaria lá com o marido, Simon. Ava, sua neta.

Se havia uma coisa na perda da memória que a aborrecia particularmente era Ava. Carne de sua carne, filha de sua filha... No entanto, apesar de tê-la visto periodicamente nas duas últimas décadas e de realmente gostar muito dela, sentia-se culpada por não conseguir se ligar à neta. Mesmo não tendo

nenhuma lembrança do nascimento da menina, não deveria sentir naturalmente um laço afetivo mais profundo com ela? Ava e LJ desconfiavam de que ela se lembrava de mais coisas do que dizia. Mas, apesar dos anos de sessões com psicólogos, hipnotizadores e praticantes de qualquer outra forma de tratamento para a perda de memória, nada surtia efeito. Greta se sentia como mera espectadora do resto da humanidade.

A maior proximidade que tinha era com seu querido David, que estava ao seu lado quando Greta finalmente abriu os olhos, depois de nove meses em coma, e que havia passado os últimos 24 anos cuidando dela de todas as maneiras possíveis. Se não fosse por ele, Greta teria perdido qualquer esperança muitos anos antes.

David contara que eles haviam se conhecido fazia quarenta anos, logo depois da guerra, quando Greta tinha 18 e trabalhava em Londres, no Teatro Windmill. Um dia ela lhe explicara que seus pais haviam morrido na Blitz londrina, mas nunca mencionara nenhum outro parente. David falou que os dois tinham sido muito amigos, e Greta concluiu que o relacionamento deles nunca fora nada além disso. Ainda mais quando David informou que, logo depois de eles se conhecerem, Greta havia se casado com um homem chamado Owen, tio dele e antigo senhor de Marchmont.

Ao longo dos anos, Greta não se cansara de desejar que a amizade descrita por David tivesse sido algo mais. Amava-o profundamente, não pelo que ele tinha sido em sua vida antes do acidente, mas por tudo que significava para ela agora. Greta sabia que seus sentimentos não eram correspondidos e não tinha razão alguma para crer que seriam um dia. David era um comediante bem-sucedido e ainda extremamente atraente. Além disso, nos últimos seis anos, estivera com Tor, que vivia pendurada em seu braço nos eventos beneficentes e nas cerimônias de premiação.

Em seus momentos mais sombrios, Greta tinha a sensação de ser pouco mais que uma responsabilidade, de que David meramente cumpria um dever, por causa de seu bom coração e do parentesco por afinidade. Quando ela enfim recebera alta do hospital, depois de dezoito meses, e voltara para casa, David tinha sido sua única visita regular. A culpa de Greta por depender dele havia aumentado com os anos e, embora ele afirmasse que não era transtorno algum, Greta sempre tentava não ser um fardo, e por isso era comum fingir que estava ocupada.

Afastou-se da janela, sabendo que precisava reunir coragem para descer

e se juntar aos familiares. Abriu a porta do quarto, caminhou pelo corredor e parou no alto da magnífica escada de carvalho, cujo corrimão entalhado e requintado emitia um brilho suave à luz do lustre no teto. Ao olhar para a enorme árvore de Natal que se erguia no saguão abaixo, sentiu o aroma fresco e delicado do pinheiro e, mais uma vez, alguma coisa se agitou dentro dela. Greta fechou os olhos e respirou fundo, como os médicos sugeriram uma vez que ela fizesse, na tentativa de encorajar a chegada da tênue lembrança.



No dia de Natal, os residentes do solar Marchmont acordaram com um idílico cenário de neve. No almoço, saborearam um ganso assado com legumes colhidos na propriedade. Em seguida, reuniram-se na sala, diante da lareira, para abrir os presentes.

– Ah, vovó! – exclamou Ava, ao desembulhar um cobertor branco e macio de bebê. – Isto vai ser muito útil. Obrigada.

– Tor e eu gostaríamos muito de comprar um carrinho de bebê. Como nenhum de nós faz a menor ideia de qual dessas engenhocas modernas que os pais usam hoje em dia é a melhor, preenchamos um cheque para você – falou David, entregando-o a Ava.

– Isso é mais do que generoso, David – disse Simon, enchendo seu copo.

Greta se comoveu com o presente de Ava: uma fotografia emoldurada das duas, tirada quando ela ainda estava hospitalizada e a neta era bebê.

– É para você se lembrar do que vem por aí – disse Ava, com um sorriso.
– Puxa vida, você vai ser bisavó!

– Vou mesmo, não é? – Greta deu um risinho diante dessa ideia.

– E não parece nem um dia mais velha do que na primeira vez que a vi – comentou David, galante.

Greta se sentou no sofá, satisfeita em observar sua família. Talvez fosse o efeito do vinho no almoço, porém, para quebrar a monotonia, não se sentia indesejada.

Depois de abertos os presentes, Simon insistiu em levar Ava para descansar um pouco, enquanto David e Tor saíram para dar uma volta. David convidou Greta para acompanhá-los, mas, com muito tato, ela declinou. Os dois precisavam de um momento juntos, e três era sempre demais. Ela

passou um tempo sentada junto à lareira, cochilando, contente. Ao despertar, viu que o sol já estava baixo, mas ainda brilhava sobre a neve cintilante.

Levantou num impulso, percebendo que um pouco de ar puro também lhe faria bem. Chamou Mary e perguntou se haveria botas e um casacão grosso que pudesse pegar emprestados.

Cinco minutos depois, usando botas de cano alto e uma velha jaqueta, saiu caminhando pela neve, inspirando o maravilhoso ar puro e frio. Fez uma pausa, pensando em que rumo tomar, torcendo para que algum instinto a guiasse, e resolveu dar um passeio pelo bosque. Enquanto andava, contemplou o azul do céu e uma súbita alegria a invadiu, diante da beleza da cena. Foi uma sensação tão inusitada e rara que por pouco ela não saltitou ao ziguezaguear por entre as árvores.

Chegando a uma clareira, viu um abeto majestoso que se erguia no centro e o verde vivo de seus galhos frondosos, carregados de neve, contrastando com as faias altas e nuas que compunham o resto do bosque. Caminhou até lá e notou que havia uma lápide abaixo dele, com a inscrição coberta de neve. Imaginando se tratar da sepultura de um bicho de estimação da família, Greta se curvou e afastou os flocos endurecidos e gelados com a mão enluvada.

JONATHAN (JONNY) MARCHMONT

Filho amado de Owen e Greta

Irmão de Francesca

N. 2 de junho de 1946

F. 6 de junho de 1949

Que Deus guie Seu anjinho para o céu

Greta leu e releu a inscrição, depois caiu de joelhos na neve, o coração em disparada. Jonny... As palavras na lápide diziam que essa criança morta era *seu* filho...

Ela sabia que Francesca – Cheska – era sua filha, mas nunca houvera qualquer referência a um menino. A inscrição dizia que ele tinha morrido com apenas 3 anos...

Já chorando de frustração e choque, Greta tornou a erguer os olhos e viu que o céu começava a escurecer. Olhou ao redor, desamparada, como se as árvores pudessem lhe dar respostas. Ajoelhada, ouviu ao longe o

som de um cão latindo. Um eco de outro momento criou uma imagem em sua mente; ela já estivera naquele lugar uma vez e tinha ouvido um cão... Sim, sim...

Virou-se e se concentrou na sepultura.

– Jonny... meu filho... Por favor, deixe-me lembrar. Pelo amor de Deus, quero me lembrar do que aconteceu! – gritou, quase sufocada pelas lágrimas.

O som dos latidos esmaeceu e Greta fechou os olhos. No mesmo instante, veio-lhe a imagem vívida de um bebezinho envolto por seus braços, aninhado em seu peito.

– Jonny, meu querido Jonny...

Enquanto o sol mergulhava entre as árvores e no vale, mais abaixo, anunciando a chegada da noite, os braços de Greta se abriram para enlaçar a lápide, e ela finalmente começou a lembrar...

Greta
Londres, outubro de 1945



2

O camarim apertado do Teatro Windmill recendia a perfume Leichner nº 5. Não havia espelhos suficientes, por isso as garotas se empurravam em busca de espaço, a fim de passar batom, ajeitar o cabelo em ondas perfeitas no alto da cabeça e fixar os complexos penteados com borrifadas de água com açúcar.

– O lado bom de estarmos seminuas é que não temos que nos preocupar com meias-calças desfiadas – disse uma morena atraente, checando sua imagem no espelho e ajeitando habilmente os seios para obter um efeito melhor no decote cavado do traje de lantejoulas.

– É, mas o sabão carbólico não deixa a pele exatamente com um frescor de margarida depois de esfregar o rosto para tirar a maquiagem, não é, Doris? – retrucou outra garota.

Houve uma batida firme à porta e um rapaz espiou o interior do camarim, com aparente indiferença em relação aos corpos em trajes mínimos diante de seus olhos.

– Cinco minutos, senhoras! – gritou antes de se retirar.

– Ora, que seja – disse Doris, levantando-se. – Mais uma rebolada, mais um xelim. Só dou graças por não haver mais bombardeios aéreos. Dava um frio desgraçado ficar sentada naquela droga de subsolo com pouco mais que a roupa de baixo. Vamos lá, meninas, vamos dar à nossa plateia alguma coisa com que sonhar.

Greta Simpson nunca se atrasava. Mas, nesse dia, havia dormido demais, até depois das dez, mesmo tendo que estar no teatro às onze horas. Valera a pena correr os 800 metros até o ponto de ônibus, pensou ela com ar sonhador, olhando-se no espelho. A noite anterior com Max, dançando madrugada adentro e passeando de mãos dadas pelos jardins do Embankment

enquanto o sol nascia sobre Londres, fizera tudo valer a pena. Greta suspirou ao se lembrar de seus beijos apaixonados.

Fazia quatro semanas que ela o conhecera na boate Feldman's. Em geral, Greta ficava cansada demais depois de se apresentar em cinco espetáculos no Windmill, mas Doris implorou para que ela a acompanhasse em seu aniversário de 21 anos. As duas eram completos opostos: Greta era calada e reservada, Doris era insolente e apimentada, com seu espalhafatoso sotaque do leste de Londres. Ainda assim, eram amigas e Greta não quisera decepcioná-la.

A dupla se dera o luxo de pegar um táxi para percorrer a curta distância até a Oxford Street. A Feldman's, a casa de jazz mais popular da cidade, estava abarrotada de militares ingleses e norte-americanos, além da nata da sociedade londrina.

Doris arranjou uma mesa de canto e pediu um coquetel de gim com vermute doce para cada uma. Greta deu uma espiada em volta e pensou em como o clima de Londres tinha mudado desde o Dia da Vitória na Europa, apenas cinco meses antes. O sentimento de euforia permeava o ar. Um novo governo trabalhista fora eleito em julho, capitaneado por Clement Attlee. Seu lema resumia as novas esperanças do povo britânico: “Enfrentemos o futuro.”

Greta se sentiu zozza de repente ao tomar um gole do coquetel e absorver o clima da boate. Após seis longos anos, a guerra havia terminado. Ela sorriu. Era jovem e bonita, e o momento era de animação e recomeços. E Deus sabe quanto uma dessas coisas lhe faria bem...

Olhando em volta, reparou em um rapaz bonito, parado no bar com um grupo de soldados norte-americanos. Greta fez um comentário sobre ele para Doris.

– É, e deve ser bom de cama. Todos os ianques são – brincou Doris, captando a atenção de um dos homens do grupo e lhe dando um sorriso atrevido.

Não era segredo que Doris era liberal em seus afetos. Cinco minutos depois, um garçom chegou à mesa delas com uma garrafa de champanhe.

– Com os cumprimentos dos cavalheiros ali no bar.

– É fácil quando a gente sabe o caminho, querida – cochichou Doris para Greta enquanto o garçom servia o champanhe. – Esta noite não vai custar um penny a nenhuma de nós.

Deu uma piscadela conspiratória e instruiu o garçom a dizer aos “cavaleiros” que se aproximassem. Duas horas depois, ligeiramente bêbada de champanhe, Greta se viu dançando nos braços de Max. Descobriu que ele era oficial administrativo e trabalhava em Whitehall.

– Quase todos os rapazes estão voltando para casa, que é para onde irei daqui a algumas semanas – explicou Max. – Só temos que pôr umas coisas em ordem antes. Puxa, vou sentir saudade de Londres. É uma cidade e tanto.

Max pareceu surpreso quando Greta disse que trabalhava no ramo de “show business”.

– Quer dizer que você se apresenta no palco, é atriz? – indagou, com uma expressão carrancuda.

Greta logo intuiu que aquilo não o impressionaria e modificou rapidamente sua história.

– Trabalho como recepcionista de um agente teatral – acrescentou às pressas.

– Ah, sim. – As feições de Max relaxaram de imediato. – O ramo do entretenimento certamente não combina com você, Greta. Você é o que minha mãe chamaria de uma “verdadeira dama”.

Meia hora depois, Greta se esquivou dos braços de Max e disse que precisava ir para casa. Ele assentiu polidamente e a conduziu até o lado de fora para chamar um táxi.

– Foi uma noite maravilhosa – disse, ajudando-a a entrar no veículo. – Posso vê-la de novo?

– Sim – respondeu ela.

– Ótimo. Eu poderia encontrá-la aqui amanhã à noite, o que acha?

– Sim, mas vou trabalhar até dez e meia da noite. Tenho que assistir a um espetáculo de um de nossos clientes – mentiu.

– Certo, estarei à sua espera aqui às onze horas. Boa noite, Greta, não se atrase amanhã.

– Não vou me atrasar.

Enquanto o táxi a levava para casa, Greta sentiu uma mescla de emoções conflitantes. Seu lado racional lhe dizia que seria uma tolice começar um relacionamento com um homem que só passaria mais algumas semanas em Londres, mas Max parecia um cavalheiro, e isso era um contraste muito agradável com a plateia masculina, quase sempre turbulenta, que frequentava o Windmill.

Sentada no táxi, ela teceu reflexões sombrias sobre as circunstâncias que a tinham feito ir parar em Windmill, quatro meses antes. Em todas as revistas e jornais que tinha lido quando era adolescente, “as garotas do Windmill” sempre pareciam muito glamourosas, com seus belos trajes em meio a um leque de risos e celebridades britânicas que as acompanhavam em suas fotos. Obrigada a se retirar às pressas do mundo totalmente diferente em que tinha vivido, ela encontrara no Windmill seu primeiro porto seguro ao chegar a Londres.

A realidade, como sabia agora, era muito diferente...

Já de volta à pensão e deitada em sua cama humilde, com um cardigã por cima do pijama para afastar a friagem outonal do quarto sem aquecimento, Greta se deu conta de que Max era seu passaporte para a liberdade. E decidiu que faria o que fosse necessário para convencê-lo de que era a garota dos seus sonhos.



Como planejado, Max e Greta se encontraram na boate Feldman's na noite seguinte e, a partir de então, se viram em quase todas as outras noites. Apesar das advertências de Doris sobre os ianques só pensarem em sexo, Max sempre se portava como um perfeito cavalheiro. Dias antes, levava Greta a um jantar dançante no Savoy. Sentada à mesa do grandioso salão de dança, ouvindo Roberto Inglez e Sua Orquestra, ela concluiu que adorava ser levada a restaurantes de luxo por seu belo e rico oficial norte-americano. E foi aprendendo a amá-lo.

Ao longo das conversas, Greta começou a perceber que Max tinha levado uma vida muito privilegiada, mas um tanto protegida, até chegar a Londres. Ele contou que nascera na Carolina do Sul, filho único de pais abastados, e que morava nos arredores da cidade de Charleston. Greta abafou um arquejo quando ele mostrou uma fotografia da elegante mansão de colunas brancas onde sua família morava. O pai era dono de várias empresas lucrativas no extremo sul dos Estados Unidos, inclusive de uma grande fábrica de automóveis que parecia ter se saído muito bem durante a guerra. Quando voltasse para casa, Max trabalharia nos negócios da família.

Pelas flores, pelos presentes e pelas refeições dispendiosas, Greta sabia que Max tinha dinheiro de sobra. Assim, quando o rapaz começou a falar

no “nosso” futuro, um lampejo de esperança de que talvez eles tivessem mesmo um futuro começou a se acender em seu coração.

Max a levaria para jantar no Dorchester à noite e tinha pedido que ela usasse algo especial. Ele deveria embarcar para os Estados Unidos dali a uns dois dias e, vez após outra, comentou da saudade que ia sentir dela. Talvez ele pudesse voltar a Londres para visitá-la ou, quem sabe, talvez Greta pudesse economizar para fazer uma viagem e ir encontrá-lo...

Seu devaneio romântico foi interrompido por uma leve batida à porta. Ela ergueu os olhos no momento em que um rosto conhecido e amável apareceu na fresta entreaberta.

– Já está pronta, Greta? – perguntou David Marchmont.

Como sempre, Greta foi pega de surpresa por sua pronúncia inglesa classuda, tão destoante da persona que ele exibia no palco. Além de trabalhar como assistente do contrarregista, David era comediante no Windmill, apresentando-se sob o nome de “O galês” e fazendo seu número com um carregado sotaque do País de Gales.

– Pode me dar dois minutos? – pediu ela, ante a lembrança do que teria que fazer.

– Não mais que isso, receio. Vou levá-la aos bastidores e arrumar seus adereços. – David franziu de leve a testa ao olhá-la. – Tem certeza de que está bem? Você parece pálida.

– Estou bem, galês – mentiu Greta, sentindo o coração acelerar. – Saio num segundo.

Quando ele fechou a porta, a jovem deu um longo suspiro, aplicando os últimos retoques na maquiagem.

O trabalho no Windmill era muito mais difícil do que ela imaginara. Faziam cinco apresentações por dia e, quando não estavam em cena, ensaiavam. Todas sabiam que a maioria dos homens na plateia não ia ver os comediantes nem os outros números do espetáculo de variedades, mas só ficar de queixo caído diante das belíssimas garotas que desfilavam pelo palco em trajes reveladores.

Greta fez uma careta e deu uma olhadela cheia de culpa para seu casaco vermelho-cereja, de corte impecável, pendurado num gancho ao lado da porta. Não conseguira resistir a ele, num desvario dispendioso de compras, na ânsia de ter a melhor aparência possível para Max. O casaco vermelho era um símbolo vivíssimo dos problemas de dinheiro que a tinham levado

ao ponto em que estava, prestes a aparecer praticamente nua diante de centenas de homens de olhar lascivo.

Dias antes, quando o Sr. Van Damm lhe pedira para se apresentar no ousado número do Windmill intitulado *tableaux vivants* – que implicava ficar imóvel numa pose elegante enquanto as outras garotas andavam ao redor dela –, Greta havia hesitado ao pensar que precisaria se despir quase completamente. Algumas lantejoulas para cobrir o bico dos seios e um fio dental minúsculo seriam tudo de que ela disporia para proteger seu recato. Mas, incentivada por Doris, que aparecia nos *tableaux* havia mais de um ano, e pela lembrança do aluguel atrasado, ela concordara com relutância.

Estremeceu com a ideia do que Max – que ela descobrira ser de uma devota família de batistas – pensaria de sua progressão na carreira. Mas precisava desesperadamente do dinheiro extra que ganharia com a apresentação nos *tableaux*.

Olhando de relance o relógio da parede, Greta percebeu que era melhor se apressar. O espetáculo já havia começado e ela teria que fazer sua entrada grandiosa em menos de dez minutos. Abriu a gaveta da penteadeira e tomou um gole apressado do frasco de bebida que Doris guardava ali, torcendo para que a confiança trazida pelo álcool a ajudasse a prosseguir com seu número até o fim. Houve outra batida à porta.

– Detesto apressá-la, mas está na hora – chamou David do outro lado.

Com uma última olhadela no espelho, Greta saiu para a penumbra do corredor, apertando protetoramente o roupão junto ao corpo. Ao ver sua expressão apreensiva, David se aproximou e, com delicadeza, segurou as mãos dela.

– Sei que você está nervosa, Greta, mas tudo vai ficar bem.

– É mesmo?

– É só imaginar que você é modelo de um pintor num ateliê em Paris, posando para um belo quadro. Eu soube que lá elas tiram a roupa num piscar de olhos – brincou, tentando animar Greta.

– Obrigada. Não sei o que eu faria sem você.

Deu-lhe um sorriso agradecido e deixou que ele a conduzisse pelo corredor até o palco.



Passadas sete horas e três apresentações, Greta estava de volta ao camarim. Seu *tableau vivant* fora um sucesso estrondoso e, graças à orientação de David, ela conseguira vencer seus temores e manter a cabeça erguida sob as luzes brilhantes.

– Bem, o pior já passou. A primeira vez é sempre mais difícil – disse Doris, com uma piscadela.

As duas estavam sentadas lado a lado, Greta retirando a maquiagem e Doris retocando a dela, nos preparativos para o espetáculo noturno.

– Agora é só se concentrar em ficar linda esta noite. A que horas vai se encontrar com o seu americano? – perguntou Doris.

– Às oito, no Dorchester.

– Uau! Isso que é vida de luxo. – Doris sorriu para Greta pelo espelho, antes de se levantar e pegar o enfeite de plumas da cabeça. – Bem, vou para a ribalta mais uma vez, enquanto você saracoteia feito a Cinderela, com o seu belo príncipe. – Deu-lhe um apertão no ombro e acrescentou: – Divirta-se, querida.

– Obrigada – disse Greta, enquanto Doris se retirava do camarim.

Greta sabia que dera sorte ao conseguir a noite de folga. Tivera que prometer ao Sr. Van Damm que faria hora extra na semana seguinte. Num estado de acentuada empolgação, pôs o novo vestido que havia comprado com os xelins a mais que a recente promoção lhe trouxera e tornou a se maquiar cuidadosamente, antes de vestir o belo casaco vermelho e disparar para fora do teatro.



Max a esperava no saguão do Dorchester.

– Você está linda demais. Devo ser o sujeito mais sortudo de Londres.

Ele lhe ofereceu o braço e os dois se encaminharam lentamente para o restaurante. Só depois de terminarem a sobremesa foi que Max fez a pergunta que ela ansiara ouvir de seus lábios:

– Você quer se casar comigo?

– Ah, Max, faz tão pouco tempo que nos conhecemos! Tem certeza de que deseja isso?

– *Sim!* Sei o que é amor quando o sinto. Para você, será uma vida diferente em Charleston, mas será boa. Nunca lhe faltará nada. Eu juro. Por

favor, Greta, diga que sim e eu passarei o resto da minha vida me empenhando ao máximo em fazê-la feliz.

Greta olhou para o belo e sincero rosto de Max e deu a resposta que ambos queriam ouvir.

– Sinto muito por ainda não ter um anel – acrescentou ele, segurando ternamente a mão esquerda de Greta –, mas quero que use o anel de noivado que foi da minha avó quando chegarmos aos Estados Unidos.

Greta retribuiu o sorriso, extasiada.

– Tudo que importa é ficarmos juntos.

Durante o café, eles discutiram os planos para o futuro. Max embarcaria dali a dois dias e Greta o seguiria, assim que tivesse pedido demissão e embalado seus poucos pertences. Mais tarde, na pista de dança, zozinho de romance e euforia, Max a puxou para mais perto.

– Greta, eu vou entender se for impróprio, mas, como acabamos de ficar noivos e nos resta tão pouco tempo antes do meu embarque, você viria comigo para o hotel? Juro que não vou comprometê-la, mas, pelo menos, poderemos conversar com privacidade...

Greta percebeu que ele enrubescia. Pelo que já haviam conversado, ela supôs que ele ainda fosse virgem. Já que ia ser seu marido, com certeza um beijo e umas carícias não fariam mal, não é?

Mais tarde, em seu hotel em St. James, Max a tomou nos braços e começou a beijá-la. Greta sentiu a excitação crescente do rapaz e a sua também.

– Posso? – arriscou ele, os dedos hesitando sobre os três botões nas costas de Greta.

Ela pensou que, horas antes, havia aparecido quase nua diante de homens que nem sequer conhecia. Por que se envergonharia de oferecer a dádiva de sua inocência e fazer amor com o homem com quem ia se casar?



No dia seguinte, sentada no camarim do Windmill, prendendo o cabelo com um par de grampos, ela não pôde deixar de se sentir tensa. Estaria tomando a decisão certa ao se casar com Max?

Aparecer nas telas de cinema fora sua ambição desde sempre, e sua mãe não fizera nada para desestimulá-la. Também obcecada, ela chegara a dar à única filha o nome da lendária Garbo. Além de levá-la a incontáveis mati-

nês no Odeon, em Manchester, ela pagara por aulas de dicção e teatro para a filha.

Mas, sem dúvida, ponderou Greta, se seu destino fosse uma carreira cinematográfica, alguém já a teria descoberto a essa altura, não? Viviam aparecendo diretores no teatro para dar uma olhada nas famosas garotas do Windmill. Nos quatro meses de Greta no teatro, duas de suas amigas tinham sido levadas para se tornarem estrelas iniciantes nos estúdios Rank. Todas viviam a esperança do dia em que alguém bateria à porta do camarim e transmitiria a mensagem de que um cavalheiro de um estúdio de cinema “gostaria de dar uma palavrinha”.

Greta balançou a cabeça e se preparou para deixar o camarim. Como poderia pensar em não se casar com Max? Se permanecesse em Londres, talvez ela ainda estivesse no Windmill dali a dois, três ou quatro anos, suportando a degradação e endividada até o pescoço. Com tantos rapazes mortos na guerra, ela sabia que tivera sorte ao encontrar um homem que parecia amá-la e que, pelo que tinha dito, também poderia lhe dar uma vida de segurança e conforto.

Era o último dia de Max em Londres. Ele deveria zarpar para os Estados Unidos na manhã seguinte. À noite, os dois se encontrariam no Hotel Mayfair para jantar e finalizar os planos referentes à passagem de Greta. Passariam então uma última noite juntos e ele partiria para seu navio ao amanhecer. Embora fosse sentir saudade, seria um alívio acabar com as mentiras sobre o que realmente fazia para se sustentar. Detestava mentir para Max, inventar histórias sobre trabalhar até tarde no escritório para o patrão exigente.

– Greta, meu bem! A cortina está quase subindo! – chamou David, rompendo seu devaneio.

– Fique calmo, estou indo! – disse ela, dando-lhe um sorriso e o seguindo pelo corredor mal iluminado em direção ao palco.

– Estive pensando, Greta, se você gostaria de tomar um drinque depois do espetáculo – murmurou David, parado atrás dela nos bastidores. – Acabei de conversar com o Sr. Van Damm, e ele vai me dar um espaço regular no show. Estou com vontade de comemorar!

– Ah, que notícia maravilhosa! – exclamou Greta, sinceramente emocionada por ele. – Você merece. Tem talento de verdade – acrescentou, esticando-se na ponta dos pés para abraçá-lo.

Com quase 1,85 metro, o cabelo louro desgrenhado e alegres olhos verdes, David sempre lhe parecera atraente, e Greta desconfiava que o rapaz tinha uma queda por ela. Às vezes saíam juntos para comer alguma coisa e ele ensaiava novas piadas com ela para seu número como “O galês”. Greta se sentiu ligeiramente culpada por ainda não ter contado para ele que ficara noiva.

- Obrigado. E que tal o drinque?
- Desculpe. Hoje não posso.
- Então, talvez na semana que vem?
- Sim, na semana que vem.
- Greta! É a nossa vez! – chamou Doris.
- Desculpe, tenho que ir.

David a viu desaparecer em direção ao palco e deu um suspiro. Os dois haviam compartilhado algumas ótimas noites, porém, justo quando ele começava a achar que talvez a moça retribuísse seus sentimentos, Greta dera para desmarcar os encontros. David sabia por quê. Ela vinha saindo com um rico oficial norte-americano. E como um comediante mal remunerado, decidido a introduzir sua forma de riso num mundo que tivera tão pouco disso nos anos anteriores, poderia ter alguma chance de competir com um belo norte-americano de farda? David deu de ombros. Depois que esse ianque fosse embora... bem, ele ia esperar com paciência.



Max Landers se sentou e, constrangido, correu os olhos pela plateia ruidosa e totalmente masculina. Não queria estar ali, mas os rapazes de seu escritório em Whitehall, decididos a celebrar a última noite que passariam em Londres e já um pouco bêbados, tinham insistido e afirmavam que o show do Windmill era algo que não deveriam perder.

Max não deu ouvidos aos comediantes nem aos cantores. Em vez disso, ficou contando os minutos até poder fugir dali para ir ao encontro da sua querida garota, a sua Greta, um pouco mais tarde. Seria difícil para ela vê-lo partir na manhã seguinte e, é claro, ele teria de preparar o terreno com seus pais, que queriam que ele se casasse com Anna-Mae, sua namorada de escola em sua terra natal. Ele era apenas um garoto ao partir, mas agora era um homem, e um homem apaixonado. Além disso, Greta era uma verdadeira dama inglesa e ele estava certo de que o charme dela os conquistaria.

Mal levantou os olhos quando soaram os aplausos e a cortina desceu.

– Ei! – Seu amigo Bart lhe deu um leve soco no braço, e Max se sobressaltou. – Você tem que ver o próximo ato. Foi para isso que viemos – acrescentou, desenhando com as mãos as formas de um corpo feminino. – Parece que a coisa é quente mesmo, cara.

Max assentiu.

– Tá, Bart.

A cortina tornou a subir, entre aplausos estrondosos e o som de assobios agudos. Max ergueu o olhar para as moças praticamente nuas no palco à sua frente. *Que tipo de mulher faria uma coisa dessas?*, perguntou-se. Em sua opinião, eram pouco melhores que prostitutas.

– Ei, elas não são fantásticas? – exclamou Bart, os olhos brilhando de desejo. – Olhe para aquela garota do meio. Caramba! Quase não tem uma peça de roupa, mas que sorrisinho bonito!

Max olhou para a moça, que se mantinha tão imóvel que era quase como se fosse uma estátua. Era um pouquinho parecida com... Ele se inclinou para a frente e a olhou de novo.

– Meu Deus do céu! – exclamou entre dentes, o coração batendo acelerado enquanto examinava os grandes olhos azuis que miravam a distância, acima da plateia, a boca delicada e a densa cabeleira loura, presa no alto da cabeça.

Max mal suportou olhar para os conhecidos seios fartos, com seus bicos levantados, que meia dúzia de lantejoulas quase não escondiam, ou para a curva suave e sedutora da barriga, que descia até as partes mais íntimas... Sem sombra de dúvida, era sua Greta. Max se virou e viu Bart contemplando com ar faminto o corpo de sua noiva.

Percebeu que ia vomitar. Levantou-se e saiu às pressas da plateia.



Greta tirou o terceiro cigarro da cigarreira de prata que Max lhe dera e o acendeu, consultando o relógio pela enésima vez. Ele estava mais de uma hora atrasado. Onde diabo se metera? O garçom continuou a lhe lançar olhares suspeitos ao vê-la sentada sozinha a uma mesa do bar. Greta sabia exatamente o que ele estava pensando.

Terminou o cigarro e o apagou, tornando a consultar o relógio. Se Max

não aparecesse até meia-noite, ela iria para casa e o esperaria lá. O rapaz sabia onde ela morava – já a havia buscado em duas ocasiões na pensão – e Greta tinha certeza de que ele lhe daria uma boa razão para não ter aparecido.

A meia-noite chegou e se foi, o bar se esvaziou.

Greta se levantou devagar e também foi embora. Ao chegar em casa, decepcionou-se por não ver Max esperando do lado de fora. Entrou, seguiu para o pequeno fogão e pôs água para ferver na chaleira.

– Não entre em pânico – disse a si mesma, mexendo na xícara uma quantidade minúscula do precioso café solúvel que Max lhe dera. – Ele vai aparecer.

Sentou-se na beirada da cama, sobressaltando-se a cada ruído de passos diante da casa, torcendo para que se detivessem e subissem os degraus da entrada. Não queria mudar de roupa nem tirar a maquiagem, para o caso de a campainha tocar. Por fim, às três horas da manhã, tremendo de frio e medo, deitou-se na cama, sentindo as lágrimas brotarem ao fitar o papel de parede úmido e descascado.

O pânico crescia. Não fazia ideia de como entrar em contato com Max. Seu navio ia partir de Southampton e Greta sabia que ele tinha de se apresentar lá às dez horas da manhã. E se não a procurasse antes disso? Ela nem ao menos tinha seu endereço nos Estados Unidos. Max prometera dar todos os detalhes durante o jantar, sobre a passagem dela e a viagem posterior.

O amanhecer levou as estrelas embora, assim como os sonhos de Greta de uma vida nova. Max não viria; àquela altura, decerto estava a caminho de Southampton. Ela chegou ao Windmill na manhã seguinte sentindo-se entorpecida e exausta.

– O que houve, meu bem? Seu soldado navegou para o pôr do sol e deixou a coitadinha para trás? – provocou Doris.

– Deixe-me em paz! – exclamou Greta, ríspida. – E, de qualquer modo, você sabe que ele não é soldado, é oficial.

– Não precisa ser malcriada, foi só uma pergunta. – Doris a fitou, claramente ofendida. – Ele gostou do show de ontem?

– Ele... O que você quer dizer?

– Seu namorado estava na plateia ontem à noite. – Doris desviou o olhar e se concentrou na aplicação do delineador. – Presumi que você o tinha

convidado – acrescentou, em tom mordaz.

Greta engoliu em seco, imersa no conflito entre o desejo de esconder que não soubera da presença de Max no teatro e o de se certificar de que Doris estava dizendo a verdade.

– Sim, eu... É claro que o convidei. Mas nunca olho para a plateia. Onde ele estava sentado?

– Ah, do lado esquerdo. Eu o notei porque, logo depois que a cortina subiu e nós, as *jolies mesdames*, aparecemos, ele se levantou e saiu.

Doris deu de ombros.

Nessa noite, mais tarde, Greta entrou em seu quarto tendo a certeza de que nunca mais teria notícias de Max Landers.